

Colóquio Internacional *A Gnose entre Tradição e Modernidade*
XVIII Encontros Raymond Abellio
Porto, 10-11 setembro de 2021

**A Gnose
em Sampaio (Bruno)**

por
Afonso da Rocha

Sampaio (Bruno) foi entre nós um filósofo e um místico com uma tal estatura nos domínios da metafísica e da mística gnóstica que o País bem o poderá considerar como sendo entre nós o “filósofo português” e o “místico” “gnóstico” por antonomásia, pelo menos a nível dos tempos modernos.

Com efeito, embora Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa e Dalila L. Pereira da Costa não possam deixar de ser invocados como havendo constituído entre nós expressões particularmente importantes da perspectiva “gnóstica” do pensamento e da religião, Sampaio (Bruno), sobretudo pelo carácter inovador, sistemático e abrangente que o “misticismo gnóstico” reveste na sua obra, no seu pensamento e na sua vida, impor-se-á como tendo sido não só o principal teórico e doutrinador da “Gnose” em Portugal, mas também a figura que mais terá contribuído para que a filosofia e a religião, entre nós, passassem a ser equacionadas com grande frequência à luz da perspectiva “gnóstica”, mormente no tocante ao “problema de Deus”, ao “problema do Mal”, à origem e fim do Cosmos e da Matéria, à “criação artística”, à “inovação científica” e ao regime político da “República”.

Tendo recebido, através da Mãe, formação religiosa no seio do Cristianismo católico, Sampaio (Bruno) parece ter conhecido a concepção “gnóstica” no Porto, e muito provavelmente entre 1878 e 1886, por conseguinte, ainda anteriormente ao exílio que conheceu em Paris após o falhanço da Revolução Republicana do 31 de Janeiro de 1891.

Sem que, como seu Pai, tenha pertencido à Maçonaria, Sampaio (Bruno) contraporá à “velha gnose” uma “nova concepção” da mesma, à luz da qual a “Gnose” se subsumirá

num sincretismo filosófico-religioso de teor positivo-racional, metafísico e religioso-teológico, cujas referências parecem remeter sobretudo, quer para o “*pensamento moderno*”, quer para a “Gnose” da Cabala judaica (medieval e moderna) e da Pérsia iraniana.

Numa palavra, através da concepção “gnóstica” do metafísico e do místico do Porto, pura e simplesmente se dará que, em Portugal, nomeadamente a filosofia e a religião, hão-de em boa medida abandonar a relação que predominantemente as prende ao “*pensamento tradicional*”, para, deixando de ser equacionadas fundamentalmente sob os ditames da Escolástica, o mesmo é dizer, da “Revelação positiva” e do dogma católico, passarem a consubstanciar um “misticismo idealista” concebido e afirmado sob a égide da “Razão gnóstica”, recapituladora, quer de uma racionalidade constitutivamente positiva, racional, metafísica e “revelado-emanada”, quer de uma concepção religiosa que se subsume numa “Religião da Razão” entendida como uma “Religião de Redenção”.

De uma tal concepção, à luz da qual ele equacionará nomeadamente o “problema de Deus”, o “problema do Mal”, a origem e o fim do Cosmos e da Matéria, a “criação artística”, a “inovação científica” e o regime político da “República”, são boa expressão as obras de Sampaio (Bruno), muito designadamente *A Geração Nova* (1886), as *Notas do Exílio* (1893), *O Brasil Mental* (1898), *A Idéa de Deus* (1902), *O Encoberto* (1904) e *Plano de um Livro a Fazer – Os Cavaleiros do Amor ou A Religião da Razão* (1960; 1996).

Sampaio (Bruno) nasceu na cidade do Porto em 30 de Novembro de 1857, estudou no Liceu Nacional do Porto (1868-1874) e frequentou o curso preparatório para as Escolas Médico-Cirúrgicas da Academia Politécnica do Porto (1876-1880), vindo, por um lado, a exercer como profissão a de jornalista, e, por outro lado, a professar politicamente o regime republicano.

Para além de eminente publicista, Sampaio (Bruno), sob o ponto de vista intelectual, foi um pensador, um filósofo e um místico que fez escola em Portugal, nomeadamente no campo da filosofia política, metafísica e religioso-gnóstica.

Sampaio (Bruno) morreu no Porto a 11 de Novembro de 1915 e foi sepultado no cemitério do Prado do Repouso desta cidade, à Secção da Ordem Terceira do Terço.

Não se podendo, em ordem à avaliação da importância e da grandeza da sua figura para o nosso País, deixar de entrar em consideração, quer com as facetas do cidadão moral

e republicano, quer com as facetas do publicista, do jornalista e do crítico literário, quer com as facetas do “doutrinador” e do “polemista de ideias”, quer com as facetas do “sociólogo da cultura” e do defensor da “cultura nacional”, nem por isso abdicaremos de afirmar com Leonardo Coimbra, com José Marinho, com Delfim Santos, com Joel Serrão e com outras figuras do mundo da cultura e do pensamento nacionais de então que a sua particular importância e grandeza passarão sobretudo pelo “*Bruno filósofo*” e pelo “*Bruno místico*”: no primeiro aspecto, tanto pelo que respeita à concepção de Deus e do Mal como pelo que respeita à concepção do Conhecimento e da Metafísica; no segundo aspecto, pelo que respeita à concepção da “Gnose” como um “misticismo idealista”, que ele concebe em termos de uma “filosofia religiosa” e/ou de uma “religião filosófica”.

A equação do problema de Deus e da religião conhecerá duas fases completamente distintas em Sampaio (Bruno), revestindo em cada uma delas perspectivas essencialmente diversas.

Na primeira fase, logo no início da juventude, quer sob a influência da posição de questionamento e de rejeição que Pedro de Amorim Viana, a nível da sua obra *Defeza do Racionalismo ou Analyse da Fé* (1866), sustentara em relação à doutrina do Cristianismo católico sobre os “Milagres” e os “Dogmas”, aos quais afirmava e defendia, quer sob a influência do enciclopedismo francês, e muito designadamente do racionalismo de Patrice Larroque (séc. XIX), Sampaio (Bruno), mormente através da obra *Analyse da Crença Christã* (1874), não se inibirá de demonstrar uma posição de completo racionalismo a nível do “religioso”, rompendo não só com o Cristianismo católico, mas pondo mesmo em questão a afirmação e a profissão de toda e qualquer religião.

Na segunda fase, pouco depois de publicar a *Analyse da Crença Christã*, e demonstrando já um posicionamento de certa maturidade pessoal e intelectual, Sampaio (Bruno), para além de fazer supor o abandono da posição extremista que sustentara na *Analyse da Crença Christã* em relação ao carácter absurdo da afirmação e profissão de toda e qualquer forma de religião, mas sem deixar de continuar a assumir a posição de ruptura anteriormente adoptada em relação ao Cristianismo católico, não se dispensará de afirmar e declarar uma posição de expressa abertura ao “transcendentalismo”, à metafísica e ao “religioso”: primeiro, e de resto muito cedo, através da publicação de certos artigos ou ensaios em jornais e revistas; em seguida, e de forma sucessivamente mais explícita e

sistematizada, consagrando a concepção e a afirmação do “religioso” à luz da “Gnose”, a nível das obras que virá a publicar (*A Geração Nova*, 1886), *Notas do Exílio*, 1893; *O Brasil Mental*, 1898; *A Idéa de Deus*, 1902; *O Encoberto*, 1904; *Plano de um Livro a Fazer – Os Cavaleiros do Amor ou A Religião da Razão*, publicada postumamente em 1960 e 1996).

Obviamente que, para poder ter-se dado a adoptar uma tal posição, qual a de romper com o Cristianismo católico e optar pela afirmação do “religioso” à luz da concepção “gnóstica”, Sampaio (Bruno) não pode ter deixado de ser interpelado e confrontado com argumentos ou razões de natureza particularmente séria e profunda, entre os (as) quais não se poderá com certeza omitir a experiência mística das duas “alucinações auditivas” que vivenciara, muito designadamente a de Salamanca, através da qual, quando regressava do exílio em Paris na sequência do falhanço da Revolução Republicana do 31 de Janeiro de 1891, lhe fora dado experienciar o “mistério” da “transcendentalidade”.

Aliás, em tal âmbito, não será de nos furtarmos a afirmar mesmo que a adopção da concepção filosófico-religiosa da “Gnose” se terá posto ao nosso autor em termos de uma inequívoca imperatividade, e isto, porque a Sampaio (Bruno) também terá aparecido que, através da concepção “gnóstica”, disporia, muito designadamente a nível da racionalidade positivo-científica, da racionalidade metafísica e da racionalidade religioso-teológica, das condições que lhe tornavam possível, a nível gnoseológico, filosófico e teológico, a equação dos três tipos de questão com que por excelência se debatia:

. Primeira, a possibilidade de contrapor ao “*pensamento tradicional*” a afirmação simultânea de Deus e do Mal, já que a concepção metafísico-teológica veiculada pelo “*pensamento tradicional*”, rejeitando o carácter metafísico do Mal existente (“*Mal metafísico*”), e ao contrário do que o certificavam, quer a História da Humanidade e dos Povos, nomeadamente de Portugal e Espanha entre os séculos XVI e XIX, quer a sua própria experiência pessoal, não só sustentava que o Mal existente não passava de consistir numa realidade de ordem antropológico-moral (“*Mal moral*”), como, beliscando a concepção de Deus em termos de “o Mistério absoluto” (“o Sem-Nome”, “a Transcendência absoluta”, a “Incompreensibilidade pura“...), se dava a equacionar a noção de “Deus” em termos de “o Homem

superior”, fazendo radicar a noção de “Deus” sobre pressupostos de natureza “antropocêntrica” ou “antropologizados”.

. Segunda, a possibilidade de aproximar da Metafísica e da Teologia a Ciência, o mesmo é dizer, o Conhecimento positivo-científico, por virtude de cuja aproximação deveria dispor de condições para afirmar, por um lado, o Conhecimento positivo-científico, o Conhecimento metafísico e o Conhecimento religioso-teológico”, e, por outro lado, a inteligibilidade filosófica das “quatro” “conclusões” que “deduziza” da “alucinação auditiva” experienciada em Salamanca: “primeira”, «(...) que a Fatalidade é a Lei do Mundo»; “segunda”, que a “Lei da Liberdade” é obra da “Vontade”; “terceira”, «(...) que, se, no Mundo, a Liberdade é Lei para mim, há Responsabilidade»; “quarta”, «(...) que a predeterminação do Universo é conhecida por seres espirituais superiores a nós e existindo fora de nós, mas que (...) no-la podem comunicar , fazendo-nos conhecer com antecedência o - necessitado e libertado - futuro, pelo que toca, restritamente, a certo ou certos dos episódios constitutivos desse porvir (...)».

. Terceira, a possibilidade de equacionar a Religião à luz de parâmetros que lhe permitissem contrapor ao Cristianismo católico, manifestamente caracterizado pela tradição e pelo dogmatismo, pela oposição à razão e ao progresso, pelo espírito inquisitorial e pela intolerância, uma religião pautada pela racionalidade científica, pela racionalidade metafísica e pela racionalidade teológica, tão convergente com a liberdade de consciência, com a tolerância e com o progresso, como com um misticismo messiânico de essência histórica e religioso-escatológica.

Ao mesmo tempo, atenta a especificidade para que a sua concepção “gnóstica” configurará apontar sob o ponto de vista gnoseológico, metafísico e religioso-teológico, por virtude de cujos parâmetros não deixará de lhe proporcionar uma equação coerente das questões com que se encontra confrontado, não surpreenderá que Sampaio (Bruno) repete a sua concepção da “Gnose”, comparativamente com a concepção da “velha gnose”, em termos de uma “nova concepção”. Aliás, não se ficando por considerar a sua concepção acerca da “Gnose” em termos de uma “nova concepção”, o nosso autor fará questão de fundamentar e justificar a sua asserção, nomeadamente através da explicitação da

“diferença capital” que, no seu entender, se dá entre a sua concepção da “Gnose” e a concepção que subjaz e atravessa a concepção da “velha gnose”.

Por um lado, no tocante à “diferença capital” que, segundo o seu entender, se dá entre a sua “nova concepção” da “Gnose” e a da “velha gnose”, Sampaio (Bruno) tanto considerará que, enquanto, para a “velha gnose”, a “Matéria” (Cosmos, Mal) foi «criada por via de emanções, das regiões celestes para as regiões terrestres», por virtude do que a “Matéria” é “eterna como Deus”, é “essencialmente má”, e “cada vez mais má”, a partir do momento da sua “emanção” originária, uma vez que as “emanções divinas” ou “*eons*” «vão prevaricando à medida que se afastam da origem», como considerará que na “nova concepção” sob que ele equaciona “gnosticamente” a “Matéria” (Cosmos, Mal), “pelo contrário”, a “Matéria” (Cosmos, Mal) «não é eterna como Deus» e «as emanções divinas não vão prevaricando à medida que se afastam da origem», mas «vão intensificando, maiores sendo», graças ao que a “Matéria” (Cosmos, Mal) é cada vez menos “má” à medida que se afasta da “origem”, tornando-se cada vez mais em “Espírito” e/ou em “Razão”.

Por outro lado, em consequência da “diferença capital” que, segundo o seu entender, se dá entre a concepção da “Gnose” e a da “velha gnose”, Sampaio (Bruno) tanto considerará que, enquanto a “velha gnose” equaciona a questão da origem e do fim da “Matéria” e/ou do Mal com base num entendimento cosmogónico, mítico e a-histórico, como considerará que, em contrapartida, a sua concepção da “Gnose” labora em pressupostos de essência “histórica”, por força dos quais não só logrará equacionar as questões com que se debate, nomeadamente a nível da não-eternidade da Matéria/Cosmos/Mal, como logrará equacionar, nomeadamente o problema do Mal no Homem/homem e no Mundo, segundo ditames de um verdadeiro processo histórico-salvífico.

Vejamos as palavras emblemáticas e eloquentes sob que Sampaio (Bruno) caracteriza a aludida “diferença capital” que estabelece entre a sua concepção da “Gnose” e a concepção que a “velha gnose” afirmou e professou: «Nesta nova concepção, a matéria não é eterna como Deus e as emanções divinas não vão prevaricando à medida que se afastam da origem. Pelo contrário, vão intensificando, maiores sendo. No átomo primo, a revelação divina é a direcção do movimento, o qual veio logo do anelo do regresso ao espírito puro.

No animal, a revelação é instinto. No homem, a revelação é razão. E, do átomo ao animal e do animal ao homem, a matéria desmaterializou-se; espiritualizou-se; aproximou-se do ponto de chegada; libertou-se; tendeu a voltar ao estado puro, anterior à diferenciação inicial do homogêneo infinito. Assim, a relatividade convergiu, novamente, para o absoluto».

Mas, se, com base no carácter autorizado da justificação avançada pelo próprio Sampaio (Bruno), nós já ficamos a dispor de razões consistentes para afirmar o carácter especificamente “novo” que pauta a concepção de Sampaio (Bruno) acerca da “Gnose” comparativamente com a concepção que a “velha gnose” afirmou e professou ao longo de séculos e milénios, nem por isso deixará de assistir que também se entre em consideração com a globalidade da obra e do pensamento do nosso autor, de forma a lograr-se comprovar e reforçar o grau de consistência científica, filosófica e religioso-teológica que a justificação referenciada reveste.

Com efeito, através de tal procedimento, pura e simplesmente se logrará acrescer às razões aduzidas por Sampaio (Bruno) dois outros tipos de justificação: um, que se prende com as “referências” “gnósticas” que a sua concepção faz supor; outro, que tem a ver, por um lado, com a especificidade do carácter constitutivo que o nosso autor adscribe à sua concepção da “Gnose”, e, por outro lado, com as questões que por excelência se dá a “explicar” à luz da referida especificidade constitutiva da sua “Gnose”.

Para o comprovar, importará que nos demos a empreender um complexo e longo processo de interpretação hermenêutica do pensamento e da obra do nosso autor. Porém, o certo será que, procedendo desse modo, será sem mais que logo se constatará que a concepção de Sampaio (Bruno) sobre a “Gnose” se conecta fundamentalmente e por excelência com duas das perspectivas concepcionais sob que a “Gnose” foi afirmada e/ou professada ao longo dos séculos e dos milénios, a saber, a perspectiva “gnóstica” da Cabala judaica (medieval e moderna), e a perspectiva “gnóstica” dos antigos povos da Caldeia e da Pérsia iraniano-zoroástrica.

Por um lado, conectando a concepção “gnóstica” de Sampaio (Bruno) com a Cabala judaica medieval, desenvolvida principalmente na Provença entre o século XII e o século XVI, tanto se tornará possível constatar que o nosso autor subsume a “Gnose” em termos de um misticismo religioso que se pauta essencialmente pela oração e pelo culto interior da

regeneração pessoal, como, conectando a concepção “gnóstica” do nosso autor com a Cabala judaica moderna, seja a desenvolvida a nível da “escola teológica” do Judaísmo moderno, seja a desenvolvida, nomeadamente na Alemanha e na França, a partir dos tempos modernos posteriores ao século XVII, sob o “*pensamento moderno*” “racional” e/ou “iluminista”, se tornará possível constatar que Sampaio (Bruno) subsume a “Gnose” em termos de um misticismo religioso de essência tão espiritual, impessoal, regeneradora e restauradora-escatológica do Homem/homem e do Mundo, como de essência humanitária e racional, histórica e de progresso do Homem/homem e do Mundo.

Por outro lado, conectando a concepção “gnóstica” de Sampaio (Bruno) com a “Gnose” dos antigos povos da Caldeia e da Pérsia iraniano-zoroástrica, tanto se tornará possível constatar que Sampaio (Bruno) conota com tais povos, quer a origem da “ideia de messianidade” e de “messias”, quer a ideia de “restauração” ou “consumação” escatológica do Homem/homem e do Mundo de que o Judaísmo viria a fazer-se eco, como se tornará possível constatar que o nosso autor interpreta e subsume a “Gnose” do Judaísmo (Cabala) em termos de um misticismo messiânico de carácter sincrético e pagão.

Obviamente que, para além de possibilitar a identificação das grandes referências “gnósticas” que subjazem e atravessam a “nova concepção” da “Gnose” de Sampaio (Bruno), a interpretação e o contacto com a obra e o pensamento do nosso autor também não deixam de possibilitar o acesso ao conhecimento das figuras e das perspectivas concepcionais que, por excelência, sob o ponto de vista “gnóstico”, estarão na base da “Gnose” que Bruno consagra.

Assim procedendo, não só se tornará possível aduzir que na concepção gnóstico-judaica de Sampaio (Bruno) terão pontificado, por um lado, I. l’Aveugle ou Isaac O Cego (1165-1235) e I. Louria (1534-1572) como figuras da Cabala judaica medieval, por outro lado, Albou, Maimónides e M. Weill como figuras da Cabala moderna conotável com o Judaísmo moderno, e, finalmente, o alemão J. Böehme e o francês L.-Cl. de Saint-Martin como figuras da Cabala moderna conotável com o “*pensamento moderno*” (“racional” e/ou “iluminista”), como se tornará possível aduzir que, no âmbito da “Gnose” dos antigos povos da Caldeia e da Pérsia iraniano-zoroástrica, terá pontificado a figura do grande profeta Zoroastro.

Claro que, por força das referenciadas figuras e perspectivas concepcionais que Sampaio (Bruno) assume como referências essenciais do seu pensamento gnóstico, a “Gnose” dele caracterizar-se-á essencialmente pelos três seguintes atributos ou direccionamentos, a saber,

. Em primeiro lugar, a Sampaio (Bruno), com a Cabala judaica medieval de I. l’Aveugle (ou Isaac O Cego) e de I. Louria, ainda que de forma diversa por parte de cada um, seja porque, como tais místicos, pretere a corrente da “teologia real” que punha o acento no culto do templo de Jerusalém, da “torah”, dos mandamentos e do messias histórico e individual, seja porque, como eles, se faz eco de uma concepção “gnóstico”-judaica que se pauta pelo primado do carácter mítico-simbólico da corrente “sinaítica”, na qual imperam, quer a ideia do “santuário portátil” e/ou da presença e acção de Deus no interior de cada um, quer a ideia da regeneração pessoal pela santidade e pela pureza de coração, tornar-se-á possível equacionar e professar a religião em termos de um misticismo “gnóstico”-judaico que consubstancia uma religião de espírito e de verdade.

. Em segundo lugar, a Sampaio (Bruno), com a Cabala (moderna) da “escola teológica” do Judaísmo moderno em que terão pontificado as figuras de Albou, de Maimónides e de M. Weill, bem como com a Cabala (moderna), influenciada pelo “*pensamento moderno*” europeu em que terão pontificado as figuras de Böehme e de Saint-Martin, tornar-se-á possível equacionar e professar a religião em termos de um misticismo “gnóstico”-judaico que consubstancia um messianismo de carácter tão espiritual, impessoal, regenerador e místico-escatológico, como “humanitário”, “racional”, histórico e de progresso.

. Terceiro, a Sampaio (Bruno), com a “Gnose” dos povos antigos da Caldeia e da Pérsia, e isto sem deixar de ter também em conta a presença da cultura grega e da cultura romana na própria cultura judaica, tornar-se-á possível dispor de condições, quer para equacionar e professar a religião em termos de um misticismo “gnóstico” de carácter, por um lado, natural e/ou pagão, e, por outro lado, “messiânico” e “escatológico”, quer para equacionar e professar que a “messianidade” “escatológica” de que a Cabala medieval e moderna se faz eco não

é oriunda do Judaísmo, mas sim dos povos primitivos da Caldeia e da Pérsia, quer para equacionar e professar que a religião a subsumir e a professar como Religião universal por parte de toda a Humanidade não deverá ser senão uma religião que consista num misticismo messiânico de carácter natural e/ou pagão, tão espiritual e impessoal, “unitário” e regenerador, restaurador e escatológico, como “humanitário” e “racional”, histórico e de progresso.

No entanto, a ter-se em conta o pensamento do “místico gnóstico” português, nem por isso, em ordem a uma mais cabal e fundamentada justificação da especificidade e do carácter “novo” da sua concepção acerca da “Gnose”, deixa de se nos afigurar como imprescindível que também se entre em consideração, quer com o tipo de conteúdo que o nosso místico assume constitutivamente como “explicação” da concepção que consagra relativamente à “Gnose”, quer com o tipo de questões que ele considera a nível da respectiva “explicação”.

Com efeito, a nível da “nova concepção” da “Gnose” que consagra, torna-se possível comprovar que, para Sampaio (Bruno), a “Gnose” se subsume em “Conhecimento”, e num “Conhecimento”, que, por um lado, se recapitula numa “ciência” ou “saber total” de essência positivo-científica, metafísica e religioso-teológica, e que, por outro lado, se recapitula numa “ciência” ou “saber total” em que o “saber” religioso-teológico, constitutivamente integrante da referida “ciência” ou “saber total”, usufrui de um estatuto ontológico de primacialidade, quer em relação ao “Conhecimento positivo-científico”, quer em relação ao “Conhecimento metafísico”, quer em relação à expressão “artística”, assistindo nesta medida ao “saber religioso-teológico” “fecundar” o “Conhecimento positivo-científico” e o “Conhecimento metafísico” com a “graça” e/ou a “força do descobrimento” e/ou do “incremento cognitivo”, e à expressão “artística” com a “graça” da “criação”.

Com efeito, a nível da “nova concepção” da “Gnose” que consagra, torna-se possível comprovar que, para Sampaio (Bruno), ao “Conhecimento gnóstico” assiste e cumpre, em termos de um verdadeiro *proprium*, “explicar” os grandes “enigmas” ou “mistérios” com que o Homem/homem (“perdido”) se debate na existência (no Mundo e no Tempo), “enigmas” ou “mistérios” esses que Bruno considera serem por excelência as

questões relacionadas com a “essência” de “Deus”, com a “criação dos mundos e a dos homens” e com a “origem do mal, a salvação das almas e o fim da matéria”: «(...) Explicar-vos-ei Deus na sua plenitude pelo desenvolvimento de Deus em sua essência. Explicar-vos-ei a criação dos mundos e a dos homens, a origem do mal, a salvação das almas e o fim da matéria (...)».

Com efeito, a nível da “nova concepção” da “Gnose” que consagra, torna-se possível comprovar que Sampaio (Bruno), demonstrando não subsumir o “Conhecimento” relacionado com a referida “explicação” dos grandes “enigmas” ou “mistérios” em termos de um conteúdo meramente gnoseológico-cognitivo, considera que tal “Conhecimento”, diversamente, consubstancia uma essência de teor ontologicamente filosófico-religioso e/ou religioso-filosófico em que o referido “Conhecimento”, por usufruir, por um lado, do poder e/ou da capacidade de iluminar e/ou de esclarecer, e, por outro lado, do poder e/ou da capacidade de “regenerar” e/ou “restaurar”, pura e simplesmente constituirá uma “Religião da Razão”, porém, uma “Religião da Razão” concebida segundo os ditames de uma “Religião de Redenção”.

Sim, a tal ponto a “explicação” consubstanciada pela “nova concepção” de Sampaio (Bruno) acerca da “Gnose” se subsume num “Conhecimento” tornado “Religião da Razão”, que, através dela, não só se ficará a “saber” que “Germinal agora só o Racional”, como, por virtude de tal concepção “gnóstica”, tanto se ficará a “saber” que, “agora”, o “salvador” ou os “salvadores” (“Budha”, “Christo”, Maomé ou outros) terão que cumprir com o perfil de homens dotados de “espírito” “philosophico” e “experimental”, como se ficará a “saber” que, “agora”, a religião, para ser aceite, terá que ser “certificada”, o “santo”, para ser reconhecido como tal, terá que ser “sábio”, as “mentes inspiradas” terão que fazer prova de “estudo”, de “bons-pensamentos”, de “verdade crítica”, de “demonstração”, de formulação de “teoremas” e de “silogismos”, e, «para se crêr em Deus», será «preciso que Deus seja mais do que uma necessidade social e uma solicitação da consciencia», tal como será «preciso que Deus seja uma proposição irrefutável, uma noção científica».

Sim, a tal ponto a “explicação” consubstanciada pela “nova concepção” de Sampaio (Bruno) acerca da “Gnose” se subsume num “Conhecimento” tornado “Religião da Razão”, que, através dela, se ficará a “saber” que o Cosmos (“Matéria”) é ontologicamente e necessariamente mau, já que, “no segundo momento do começo”, graças à ocorrência de

um “mistério indecifrável”, se terá dado um processo de “diversificação” (“diferenciação”/“alteração”/“limitação originária”) a nível de “o Infinito absoluto”, entendido como “quantidade” e/ou como “Homogéneo” ou “Tempo puro”.

Sim, a tal ponto a “explicação” consubstanciada pela “nova concepção” de Sampaio (Bruno) acerca da “Gnose” se subsume num “Conhecimento” tornado “Religião da Razão”, que, através dela, não só se ficará a “saber” que o Cosmos (“Materia”) é ontologicamente e necessariamente mau, como se ficará a “saber” que, no “segundo momento” ou “instante supremo do crescimento”, se terá dado que o “espírito homogéneo e puro”, entendido como “qualidade” e/ou como “Perfeição”, “mercê do efeito de um “mistério” de “diferenciação” ou de “diminuição”, se tornou em “espírito diminuído” ou “Deus” “não onipotente” (“deus”), bem como, “a seu par”, na «diferença que se tornou heterogénea, isto é o mundo”.

Sim, a tal ponto a “explicação” consubstanciada pela “nova concepção” de Sampaio (Bruno) acerca da “Gnose” se subsume num “Conhecimento” tornado “Religião da Razão”, que, através dela, se ficará a “saber” que o Mal, a nível do Homem/homem, do Mundo (Cosmos, Matéria) e de “Deus”, graças ao processo de “redenção” que “misteriosamente” se verificará “na consumação dos séculos”, há-de ser completamente “eliminado” ou “resorvido” mediante a “infinita sanção do absoluto”, seja através do “salto” final e definitivo do “diferenciado” (Cosmos, Matéria) à “consciência absorvente” ou “Infinito absoluto”, seja através do “salto” do “espírito diminuído” (“Deus” ou “deus” não onipotente”) ao “espírito puro”, mediante a “reintegração da unidade do infinito no perfeito”, com o conseqüente restabelecimento da “onipotência” de “Deus” e da “homogeneidade do absoluto”.

Sim, a tal ponto a “explicação” consubstanciada pela “nova concepção” de Sampaio (Bruno) acerca da “Gnose” se subsume num “Conhecimento” tornado “Religião da Razão”, que, através dela, se ficará a “saber” que a “redenção” do Mal ao nível do Cosmos (Matéria, Mundo, Homem/homem) e de “Deus” se verificará, quer segundo os critérios da “quantidade” e da “qualidade”, quer segundo um processo de evolução do Cosmos verificado segundo duas etapas ou “estádios” de realização, uma de ordem histórica e/ou no Tempo, e outra de ordem “escatológica” ou no fim dos Tempos, uma e outra em termos tão autónomos como interdependentes, em que a primeira, dizendo respeito à “eliminação” do Mal do Cosmos, se dará a partir do próprio “momento” de originação do “diferenciado”

(Cosmos/Matéria/Mal) até à “terminação do mundo”, e em que a segunda, dizendo por sua vez respeito à “eliminação” do Mal em “Deus”, se dará apenas na “consumação dos séculos”, após a “absorção recuperadora” do Cosmos (Matéria, Mal) na “homogeneidade do absoluto” ou “o Infinito absoluto”:

. No primeiro caso, o processo de “eliminação” ou “redenção” do Mal, fazendo-se eco de um “messianismo” a implementar no tempo da História de forma convergente quer com o advento do Homem/homem em termos de progresso histórico, de “progresso moral” e de “regeneração” pessoal do homem, quer com a evolução do Cosmos para o seu termo final, tanto consistirá em dar corpo à “ideia filosófica do progresso geral da humanidade”, como consistirá em suprir o “movimento” de evolução em que o Cosmos se encontra constituído em direcção ao “Homogéneo inicial”, “acudindo”-lhe com “emanações” que «constantemente evoluam para o espírito alterado, ou seja o universo, emanações que o penetram, o depuram e o avançam».

. No segundo caso, o processo de “eliminação” ou “redenção” do Mal, fazendo-se eco de um misticismo messiânico que conhecerá o seu termo com a “infinita sanção do absoluto” nos tempos da Escatologia, quer através da “resorção” do Cosmos no “Homogéneo inicial”, quer através da recuperação da “omnipotência” por parte de “Deus”, deverá consistir num misticismo que se traduza historicamente num messianismo de natureza espiritual e impessoal, “humanitária” e “unitária”.

Porém, aqui chegados, e porque é tempo de se dar por terminada esta exposição, faltará formular a conclusão de quanto até ao momento se procurou afirmar e veicular, de resto, uma conclusão que desdobraremos em duas asserções, a saber,

. Que, por um lado, Sampaio (Bruno), através da sua “nova concepção” sobre a “Gnose” terá criado condições, para, conforme se deixou suposto anteriormente, conseguir equacionar e resolver os três grandes problemas com que se debatia, a saber, o problema da possibilidade da afirmação simultânea de Deus e do Mal, o

problema da compatibilização da religião com a Razão e a Ciência e o problema da aproximação da Metafísica e da Teologia à Ciência enquanto “Conhecimento positivo-racional”. E isto, independentemente do carácter porventura polémico de tal concepção, mormente pelo que se refere à equacionação do “Conhecimento positivo-científico” e do “Conhecimento metafísico” sob o primado ontológico do “Conhecimento religioso-teológico ou da “revelação emanada”.

. Que, por outro lado, Sampaio (Bruno), através da sua “nova concepção” sobre a “Gnose”, terá criado condições, para se ter tornado eventualmente, pelo menos a nível dos tempos moderno-contemporâneos, no “místico gnóstico” português por antonomásia.

Como assim? Como ou porquê se dará que Sampaio (Bruno) é, eventualmente o mais importante místico gnóstico a nível de Portugal, pelo menos nos tempos moderno-contemporâneos?

A nosso ver, pelas seguintes quatro ordens de razão:

. Primeira, porque, laborando num contexto marcadamente positivista e racionalista, em que a ciência e certa filosofia moderna assumiam um posicionamento de conflito e de oposição no tocante à relação entre a Razão científica, a Razão metafísica e a Razão teológica, Sampaio (Bruno), com base na sua concepção da Metafísica e com base na sua concepção da metafísica e com base na sua “nova concepção” da “Gnose”, criou condições para tornar possível a aproximação e a compatibilização da Razão positivo-científica, da Razão metafísica e da Razão religioso-teológica.

. Segunda, porque, laborando num contexto marcadamente racionalista e materialista, em que a Ciência e certa Filosofia moderna punham em causa a metafísica e a religião, Sampaio (Bruno), com base na sua concepção da Metafísica e com base na sua concepção da metafísica e com base na sua “nova concepção” da “Gnose”, criou condições, quer para tornar possível a afirmação da inteligibilidade da dimensão metafísica e da dimensão religioso-teológica, quer para aportar um contributo decisivo no âmbito da renovação da metafísica e da

religião/teologia, nomeadamente através da reformulação de alguns conceitos relacionados com a Metafísica e com a Teologia, quais os de “absoluto”, de “necessidade”, de “contingência”, de “finalidade”, de “Deus”, de “Religião”...

. Terceira, porque, para além de subsumir como absurdo o carácter antropológico-moral da concepção do “pensamento tradicional” sobre o Mal, Sampaio (Bruno), com base na sua concepção da Metafísica e com base na sua concepção da metafísica e com base na sua “nova concepção” da “Gnose”, logrará criar condições tanto para equacionar a existência do Mal em termos que integram adequadamente a “maldade” e o carácter “necessário” de que a fenomenologia histórica se faz eco em relação ao Mal existente, concebendo-o e afirmando-o em termos de “Mal metafísico”, como para tornar possível, sob o ponto de vista metafísico e teológico, a afirmação simultânea de Deus e do Mal.

. Quarta, porque, depois de questionar e romper com o Cristianismo católico, e muito provavelmente não só por ele demonstrar um posicionamento de oposição à Razão, ao Progresso e à Tolerância, mas também por ele consagrar acerca de “Deus” um entendimento de teor “antropologizado” e “antropocêntrico”, e acerca da origem do Cosmos uma concepção metafísico-teológica de teor dualista e absurdo (*creatio ex nihilo*), Sampaio (Bruno), com base na sua concepção da Metafísica e com base na sua “nova concepção” da “Gnose”, logrará criar condições metafísico-teológicas que tanto tornam possível afirmar, como atributos constitutivos da Religião, a liberdade de consciência, o progresso, a tolerância, a positividade, o desenvolvimento e a regeneração pessoal, como tornam possível afirmar o carácter místico-messiânico da Religião, concebendo-a em termos de um “misticismo idealista”...

Bibliografia:

. BRUNO, *Analyse da Crença Christã* (Estudos Críticos sobre o Christianismo). Porto: Typ. de Arthur José de Sousa, 1874.

. BRUNO, *A Geração Nova – Ensaios Críticos*. Porto: Magalhães & Moniz, Editores, 1886.

- . BRUNO, *Notas do Exílio* (1891-1893). Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1893.
- . BRUNO, *O Brazil Mental – Esboço Crítico*. Porto: Livraria Chardron, 1898.
- . BRUNO, *A Idéa de Deus*. Porto: Livraria Chardron, 1902.
- . BRUNO, *O Encoberto*. Porto: Livraria Moreira – Editora, 1904.
- . BRUNO, *Os Modernos Publicistas Portuguezes*. Porto: Livraria Chardron, 1906.
- . BRUNO, *Manifesto dos Emigrados da Revolução Republicana Portuguesa de 31 de Janeiro de 1891*. Paris: Imprimerie Schiller, 1991.
- . SAMPAIO BRUNO, *Plano de um Livro a Fazer – Os Cavaleiros do Amor ou A Religião da Razão* (organização, posfácio e notas de Joaquim Domingues). Lisboa: INCM, 1996.
- . AMORIM VIANA, P. – *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé* (prefácio de António Braz Teixeira; organização e fixação do texto de António Carlos Leal da Silva). Lisboa: INCM, 1982.
- . JONAS, H. - *La Religión Gnóstica* (prólogo de José Mantserrat Torrents; traducción de Menchu Gutiérrez). Madrid: Ediciones Siruela, 1991.
- . JONAS, H. – *Le Concept de Dieu après Auschwitz – Une Voix Juive* (traduit de l'allemand par Philippe Ivernel, suivi d'un essai de Catherine Chalier). Paris: Éditions Payot & Rivages, 1994.
- . MOPSIK, CH. – *Les Grands Textes de la Cabale – Les Rites Qui Font Dieu*. Paris: Verdier, 1993.
- . DARMESTETER, J. – *Ormazd et Ahriman, leurs origines et leur histoire*. Paris: F. Vieweg, Libraire – Éditeur, 1877.
- . MATTER, M. – *Saint-Martin. Le Philosophe Inconnu: sa vie et ses écrits. Son maître Martinez Pascualis et leurs groupes d'après des documents inédits*. 2. ème édition. Paris: 1862.
- . WEILL, M. – *Le Judaïsme, Ses Dogmes et Sa Mission*. Paris: Librairie A. Franck, 1867, 4 Vols.
- . ROCHA, A. – *O Mal no pensamento de Sampaio (Bruno): uma filosofia da razão e do mistério*. Lisboa: INCM, 2006, 2 Vols.
- . ROCHA, A. – *A gnose de Sampaio Bruno*. Lisboa: Zéfiro, 2009.

, ROCHA, A. – *Fernando Pessoa e o Quinto Império*. Porto: UCE – Porto, 2012, 2 Vols.

. ROCHA, A. – *A filosofia da religião em Portugal (1850-1910)*. Porto: UCE – Porto, 2013.

. ROCHA, A. - *Nietzsche: a filosofia de outro Ocidente*. Porto: UCE – Porto, 2015, 2 Vols.
